

GUERRA AO MOSQUITO

Inimigo há três décadas

'Aedes' provoca epidemias de dengue desde 1981; governos não conseguem combater inseto



Humor político. Charges mostram que mosquito virou dor de cabeça para os governos a partir da década de 1980

MARCELO REMÍGIO
marcelo.remigio@oglobo.com.br

-RIO E SÃO PAULO. Há 35 anos o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor de vírus que causa dengue, zika e chikungunya, desafia os governos brasileiros e provoca epidemias de dengue quase que anuais. Os primeiros registros da doença ocorreram ainda na segunda metade da década de 1910, mas foi a partir de 1981 que a dengue começou a se espalhar pelo Brasil e o país passou a apresentar um descontrole no combate ao mosquito. Especialistas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) afirmam que há erros, tanto por parte do Estado como da população, que contribuem para que os surtos e as epidemias ocorram com tal frequência. Entra governo, sai governo, as epidemias persistem.

Deficiências em saneamento básico, além da falta de cuidados com áreas públicas, somam-se às mudanças climáticas para tornar o país um ambiente propício ao *Aedes aegypti*. Pesquisador da Fiocruz, o historiador Rodrigo Magalhães estudou a campanha de erradicação do inseto nos países das Américas a partir dos anos 1920. De acordo com ele, o Brasil foi pioneiro no combate ao mosquito, eliminando-o em 1955, junto com outros vizinhos, num esforço internacional. Na época, o *Aedes* era uma ameaça por transmitir a febre amarela.

Mas, ignorando o poder de infestação do mosquito e confiando na sua erradicação, iniciou-se um processo de sucateamento da estrutura usada pela campanha, deixando o país vulnerável. As primeiras baixas nos programas de controle do *Aedes* aconteceram no período de Juscelino Kubitschek, estendendo-se, posteriormente, pelos governos militares. Para Magalhães, a retomada do combate ao mosquito pelo governo, após a epidemia de 1981 no Rio de Janeiro, não acompanhou a velocidade da infestação.

— O *Aedes aegypti* foi erradicado no Brasil em uma campanha continental. No entanto, o trabalho de combate nas Américas não foi concluído no

Caribe e, no Sul dos Estados Unidos, não atingiu o objetivo. O governo americano enfrentou resistências internas políticas e científicas em relação à campanha. Ao acabar com serviços que faziam o controle do mosquito e sucatear a estrutura montada para a campanha, o Brasil ficou vulnerável e permitiu a entrada do mosquito. No Norte, chegaram *Aedes aegypti* dos Estados Unidos, e, no Nordeste e no Sudeste, do Caribe — explica.

FALTAM DRENAGEM E COLETA DE LIXO

Pesquisadores do Departamento de Saneamento da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), Marcelo Araújo e Paulo Barrocas apontam o descaso sucessivo dos governos com o saneamento básico como motivo para que as epidemias de dengue continuem a fazer vítimas no país. Segundo Araújo, há um descuido acentuado com o destino do lixo e com o cumprimento de metas de saneamento. Programas de saneamento, diz o pesquisador, têm execução lenta, e falta vontade política aos governos para realizá-los.

Números divulgados pelo Ministério das Cidades este mês vão ao encontro das afirmações do pesquisador. Com o contingenciamento de recursos pelo governo federal, a pasta já admite que o país não cumprirá a meta de ter 93% da população com acesso à rede de coleta de esgoto até 2033. Em 2014, o percentual chegou a 42,4%.

— Temos também a questão do lixo. Não adianta a população eliminar criadouros se existem terrenos baldios sujos. Nesses casos, há falhas mútuas: o Estado não mantém uma coleta eficiente de resíduos, e algumas pessoas insistem em jogar lixo nas ruas. Existe a preocupação com o privado e o descaso com o público — afirma Araújo, ao chamar a atenção para o sistema de drenagem das casas. — As campanhas contra dengue citam, por exemplo, os pratos de vasos de plantas que acumulam água. Mas esquecem de falar de erros nos projetos de telhados, com caimentos irregulares que acumulam água.

Já Barrocas aponta mudanças climáticas e falhas na infraestrutura das cidades como complicadores. Segundo ele, as chuvas passaram a ser mais intensas e a cair em intervalos pequenos. É comum chover em poucas horas o esperado para uma semana ou um mês. Com isso, o solo urbanizado não absorve a água, a rede de drenagem não é suficiente para o escoamento do volume excessivo de água e as poças viram criadouros.

Longos períodos de estiagem levaram moradores de estados como São Paulo — que enfrentou uma das piores secas ano passado — a estocar água. Sem o cuidado devido, reservatórios caseiros viraram chamarizes de mosquito.

— Abastecimento de água tratada também faz parte do saneamento. Estados que não se prepararam para estiagem falham — diz Barrocas. — Estocar água é um convite ao *Aedes aegypti*. No ano passado, São Paulo enfrentou uma estiagem forte. Os casos de dengue dispararam — analisa.

Para Barrocas e Araújo, o *Aedes aegypti* ainda vai conviver com muitos governos.

GOVERNO REFORÇA VERBA PARA COMBATER DENGUE

Na semana em que o governo federal anunciou um corte de R\$ 23,4 bilhões no Orçamento, o Ministério da Saúde garantiu que vai gastar 100% mais no combate à epidemia de dengue este ano do que o empenhado no ano passado. Em 2015, os recursos para a vigilância em saúde equivaleram a R\$ 1,29 bilhão. Agora, o valor previsto é de R\$ 2,37 bilhões. A verba extra soma R\$ 1,08 bilhão e será destinada a reforçar o combate ao mosquito e ao tratamento de doentes.

Apesar da promessa, os municípios sentem a aflição de não ter recursos para custear a emergência da epidemia. Segundo o Conselho Nacional de Secretarias Municipais, as prefeituras empenham, em média, 25% de suas receitas em Saúde. A legislação as obriga a destinar 15% da arrecadação à área, mas o percentual não costuma ser suficiente. (Colaborou Mariana Sanches) ●

DENGUE E OS PRESIDENTES

1916	Registros de casos de dengue em São Paulo, sem diagnóstico laboratorial. Governo de Wenceslau Braz
1923	Registros de casos de dengue em Niterói, sem diagnóstico laboratorial. Governo de Arthur Bernardes
1930	Nas décadas de 1930 e 1940 ocorrem campanhas de erradicação do <i>Aedes</i> em países das Américas. Governo de Getúlio Vargas
1955	Grande campanha nas Américas erradica o <i>Aedes</i> no Brasil (resultado da intensificação do combate no governo Getúlio) e em outros países do continente. No entanto, o trabalho não é concluído em ilhas do Caribe, Guianas, Suriname e Venezuela e apresenta deficiências no Sul dos Estados Unidos. Governo de Café Filho
1963	O mosquito <i>Aedes aegypti</i> reaparece em diversas regiões do país. Governo de João Goulart
1967	Registro da presença do mosquito e de casos de dengue em Belém. Governos de Castello Branco e Costa e Silva
1974	O mosquito infesta Salvador e a dengue se espalha pela capital baiana. Governos de Emílio Garrastazu Médica e Ernesto Geisel
1979	Registro da presença do mosquito no Rio de Janeiro. Governo de João Baptista Figueiredo
1981	1981 e 1982 - Epidemia de dengue em Boa Vista. Governo de João Baptista Figueiredo
1986	Grande epidemia de dengue no Rio. Governo de José Sarney
1990 e 1995	Furacões de

PARAÍSO DOS MOSQUITOS

Longe dos olhos de Dilma, o abandono volta

Localidade da Zona Oeste do Rio que recebeu 'banho de loja' para evento com a presidente já tem lixo nas ruas

A eliminação dos criadouros de *Aedes aegypti* na comunidade de Zepellin, em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio, durou pouco. Escolhida para receber a presidente Dilma Rousseff no Dia Nacional de Mobilização Zika Zero, no último fim de semana, a loca-

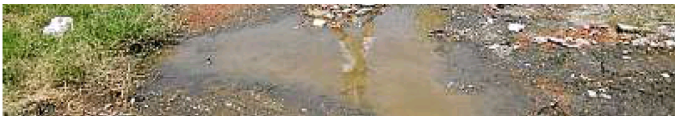


MARCELO CARVALHO

...idade não ficou nem uma semana sem o risco de nova infestação do mosquito. Pelas ruas que Dilma percorreu — e que na véspera da visita passaram por faxina geral —, já era possível encontrar, cinco dias após a passagem da presidente, lixo jogado em terrenos baldios, água empoeçada, garrafas e copos em valões que cortam o local.

Para o presidente da associação de moradores, Carlos Roberto de Souza, de 61 anos, há 30 anos morador do local, o combate ao *Aedes aegypti* tem esbarrado na falta de educação de alguns vizinhos.

— A gente pede que os moradores não joguem lixo e entulho nas ruas. Passa o caminhão recolhendo o lixo três vezes por semana. Tem necessidade de sujar o bairro? — indaga Souza, ao lado de um terreno baldio onde foram jogados, depois da



Risco de dengue. Souza caminha em terreno baldio que foi limpo antes da visita de Dilma: moradores jogaram lixo

limpeza, uma mala, copos, garrafas, entulho e sacos de lixo.

Enquanto o líder comunitário dava entrevista, na tarde de quinta-feira, uma estudante que chegava da escola jogou, ao lado dele, um copo plástico no chão. Ao ser repreendida por Souza, ela ignorou o pedido para que pusesse o copo no lixo.

— É por isso que os mosquitos e a dengue não acabam aqui — reclamou Souza.

A opinião do líder comunitário é compartilhada pela dona de casa Alessandra Pereira, de 23 anos, grávida de seis meses. Com medo de contrair o vírus zika e do risco de seu filho nascer com microcefalia, ela reclama da falta de cuidado de alguns vizinhos:

— Não deixo água parada em casa. Nem plantas tenho. Mas, quando saio, vejo lixo nas ruas, um monte de criadouros de mosquito. Assim fica difícil resolver o problema. *(Marcelo Remigio)* ●

1990

2000

2001

2008

1990-2000

2000

2001 a 2003

2008, 2010, 2011 e 2013 a 2016

governos de José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso

A dengue se espalha pelo Estado do Rio. Governo de Fernando Henrique Cardoso

Registro de casos em 24 estados. Governos de FH e Luiz Inácio Lula da Silva

Nos anos de 2008, 2010, 2011 e 2013 a 2016, sucessivas epidemias registradas em todo o país. Governos de Lula e Dilma Rousseff